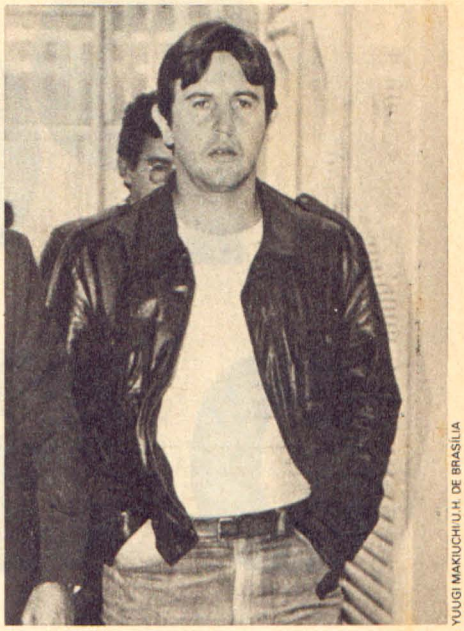
Um caso encerrado

A prisão de quatro policiais de Brasília elucida o assassinato do jornalista Mário Eugênio

Chegou ao fim, na semana passada, o mais emperrado episódio da crônica policial de Brasília: a investigação em torno da morte do jornalista Mário Eugênio Rafael de Oliveira, editor de polícia do *Correio Braziliense*, assassinado com sete tiros na noite de 11 de novembro do ano passado. Para desatar o nó, foi preciso mudar o governo e entrar em cena um mecanismo de apuração mais interessado em resultados do que o antigo. O crime, finalmente, está esclarecido. Dele participaram três policiais civis — Divino José de Matos, o "Divino 45", Iracildo José de Oliveira e Moacir de Assunção Loiola, lotados na Delegacia de Furtos de Veículos — e três militares — o sargento Antônio Nazareno Mortari Vieira e os cabos Aurelino Silvino de Oliveira e David Antônio do Couto, do Pelotão de Investigações Criminais (PIC) da Polícia do Exército. Quatro deles confessaram o crime e revelaram o motivo: Mário Eugênio foi morto porque estava prestes a denunciar uma série de crimes cometidos pelo bando.

Mário Eugênio preparava-se para denunciar os mecanismos de ação de uma quadrilha de policiais especializada em roubar carros em Brasília e Goiás para vendê-los na Bolívia. A quadrilha forjou um método singular. Primeiro, os policiais libertavam marginais presos na Delegacia de Furtos de Veículos para que roubassem os carros. Em seguida, os automóveis eram levados até as dependências do PIC e ali recebiam chapas e documentos frios antes de atravessar a fronteira. Enfim, para prevenir delações, os ladrões utilizados pela quadrilha eram eliminados e seus cadáveres apareciam boiando nos lagos da região. Pelo menos dezesseis assassinatos desse tipo teriam sido cometidos pelo bando nos últimos três anos.

MORTO POR ENGANO — Em meados do ano passado, guiado por informações de policiais não comprometidos com a quadrilha, Mário Eugênio invadiu o território controlado por essa versão brasiliense do Esquadrão da Morte. No início de novembro, levantou em detalhes o assassinato do chacareiro João Batista de Paula Matos, ocorrido em abril na localidade de Três Vendas, município de Luziânia, a 53 quilômetros de Brasília. João Batista, segundo Mário Eugênio, fora assassinado por engano pelos policiais, confundido com um ladrão de automóveis que dias antes roubara o carro do tenente Ricardo de Paula Avelino, comandante do Pelotão de Investigações Criminais da Polícia do Exército. Filho do general Confúcio Danton de Paula Avelino, chefe do Centro de Informações do Exército (CIEx) durante uma temporada que culminaria com as mortes do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manoel Fiel Filho em dependências militares, o tenente Avelino integra a quadrilha e teria liderado as diligências que resultaram na morte do chacareiro. O jornalista Mário Eugênio prometia divulgar os nomes dos autores do crime quando foi assassinado.



YUUGI MAKUCHI/U.H. DE BRASÍLIA

Nazareno: o primeiro a confessar

Na semana passada, o sargento Antônio Nazareno Mortari Vieira, também acusado da morte do chacareiro, contou em detalhes como seu grupo liquidou o jornalista. Mário Eugênio deixava a sede da Rádio Planalto, onde mantinha um programa diário chamado *Gogó das Sete*, por volta da meia-noite do domingo 11 de novembro. Os seis policiais o esperavam nas proximidades, em dois carros, um Volkswagen branco e um Fiat amarelo. Quando o jornalista chegava perto de seu próprio automóvel, um Monza, Divino 45, que ganhou esse apelido graças ao antigo hábito de portar uma arma com esse calibre, saiu do carro em que estava e disparou à queima-roupa um tiro com uma espingarda calibre 12. Mário Eugênio caiu ao lado do seu carro. Divino sacou então um revólver Magnum 357 e desfechou mais seis tiros no corpo já esparramado no asfalto.

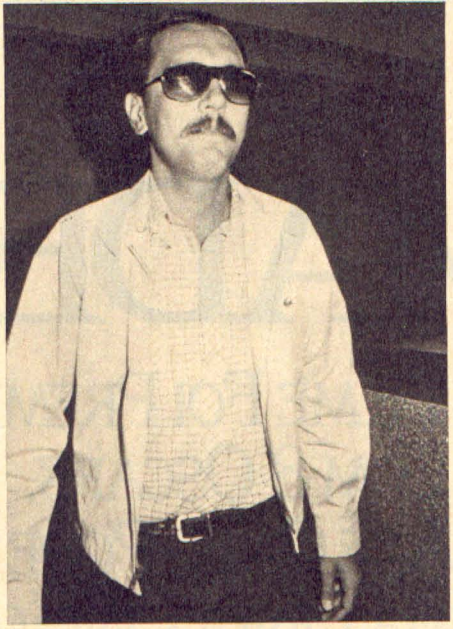
A confissão do sargento Nazareno, cujo nome freqüentara pratica-

FOTOS CORREIO BRAZILIENSE

Mário Eugênio *(foto menor)* e a cena do crime: sete tiros

MARCOS HENRIQUE/U.H. DE BRASÍLIA

Divino 45: autor dos disparos



CORREIO BRAZILIENSE

Avelino: denunciado por Loiola

mente todos os comentários sobre a morte de Mário Eugênio, veio apenas iluminar alguns pontos obscuros do episódio. A rigor, a investigação da morte do jornalista nunca apresentara desafios excepcionais. Meses antes de sua morte, Mário Eugênio praticamente só se ocupava de uma tarefa: apurar detalhes sobre as atividades da quadrilha de policiais que roubava automóveis e assassinava marginais. Seria natural que as investigações começassem justamente por uma atenta leitura das reportagens publicadas por ele no *Correio Braziliense*. Nesse caso, porém, confrontada com a necessidade de investigar a si própria, a polícia do Distrito Federal preferiu atrapalhar as investigações.

"GRUPOS DE EXTERMÍNIO" — São muitas as evidências desse desvio. A principal delas é o fato de que bastou a mudança de governo, a demissão de um secretário de Segurança, o coronel Lauro Rieth, e a nomeação de outro, José Olavo de Castro, para que o crime fosse elucidado e os culpados, presos. Para os policiais que prenderam os assassinos, Rieth prejudicou as investigações. "Ele pode ser processado por omissão de dados e provas", afirma o delegado Anivaldo Registro. Até a madrugada de sábado, apenas Divino 45 ainda se encontrava foragido. Outro membro do grupo que planejou e executou a morte de Mário Eugênio, Moacir de Assunção Loiola, foi assassinado com um tiro na cabeça no início de junho. Um dia antes de ser morto, Loiola prestara depoimento no inquérito que investiga a morte do chacareiro João Batista e denunciara o sargento Nazareno e o tenente Avelino como os matadores. Para os colegas de Mário Eugênio, as investigações se dividem em duas fases distintas: antes e depois da mudança de governo. "O jornal forneceu à polícia inúmeros indícios e eu mesmo citei os nomes do sargento Nazareno e dos agentes Iracildo e Divino 45", recorda Fernando Lemos, 37 anos, editor-executivo do *Correio Braziliense*. "Nenhuma providência foi tomada, não aconteceu nada."

Ao assumir no lugar de Rieth, o novo secretário de Segurança recebeu a missão de resolver o caso. Castro tomou logo uma precaução: solicitou a ajuda de uma equipe de policiais de São Paulo. "Não tínhamos nenhum laço de amizade ou coleguismo com os policiais envolvidos e isso sempre ajuda", afirma um dos integrantes da equipe paulista, o investigador Reginaldo Garrido, 43 anos. Outro membro desse grupo, o delegado Anivaldo Registro, está convencido de que as investigações devem prosseguir mesmo com a elucidação da morte de Mário Eugênio.

Segundo o delegado, há muitos assassinatos por desvendar. Na noite de sexta-feira, a polícia descobriu que a quadrilha tentava esconder algo mais que os cadáveres de suas vítimas. Na casa do cabo Aurelino Silvino, encontrou um arsenal de instrumentos de tortura, como máquinas para aplicar choques elétricos, torniquetes, capuzes e socos ingleses. Na casa, Silvino colecionava ainda fichas criminais de ladrões de carros — alguns já eliminados — e recortes de jornais com as reportagens de Mário Eugênio sobre a quadrilha. ●

Seqüestro e tensão dentro do bar

Durante 3 horas centenas de policiais prepararam-se na última quinta-feira para um ataque pesado a um bar da Avenida Francisco Matarazzo, no bairro da Água Branca, em São Paulo. Além de viaturas no chão, um helicóptero roncava em baixa altitude. No bar, o assaltante José Carlos Rodrigues, acuado pela polícia, dominava Cristiane Abud, 22 anos, estudante de Administração de Empresas, com um revólver calibre 38 apontado para sua cabeça. A calma da refém evitou uma tragédia. Tenso e cansado, Rodrigues acabou se entregando. "Não tive medo de morrer", contou Cristiane. "Só me preocupei em não deixá-lo nervoso."